

Varição semântica: indivuação e número na língua karitiana¹

(Semantic Variation: individuation and number in karitiana)

Ana Müller

Departamento de Linguística - Universidade de São Paulo (USP)

anamuler@usp.br; www.fflch.usp.br/dl/anamuller

Abstract: This paper focuses on the expression of individuation and number in natural languages. It investigates mechanisms of meaning composition, more specifically, with functional morphemes. It looks at phenomena related to individuation, number and distributivity in Karitiana, an Amazonian language. Its goal is to describe and explain how Karitiana expresses number. More generally, it aims at bringing Karitiana facts to bear in the debate about the expression of individuation within human languages.

Keywords: semantic variation; individuation; number; plural, native languages.

Resumo: Este artigo enfoca os mecanismos que expressam indivuação e número nas línguas naturais. Situa-se portando dentro de um estudo dos mecanismos de composição do significado, em particular, dentro de um estudo dos morfemas funcionais. O trabalho toma como objeto de investigação empírico os fenômenos de indivuação, número e distribuição na língua karitiana, uma língua amazônica. Tem por objetivo específico explicitar como o karitiana expressa número. Como objetivo geral, o trabalho pretende inserir os fatos do karitiana em uma discussão sobre os mecanismos de indivuação presentes nas línguas humanas.

Palavras-chave: variação semântica; indivuação; número; plural; línguas indígenas.

Introdução

Este artigo insere-se em uma discussão sobre o que seria geral e o que seria particular na semântica das línguas humanas, trazendo para o debate fatos do karitiana, língua indígena brasileira do tronco tupi. Existem poucos trabalhos sobre variação semântica entre as línguas naturais.² Além disso, karitiana é uma língua pouco estudada e discutida pela linguística teórica. Assim, espera-se que a investigação de línguas pouco discutidas pela linguística teórica venha a contribuir para nossa compreensão sobre o que é geral e o que é particular na semântica das línguas humanas, uma vez que as teorias linguísticas atuais estão, na grande maioria das vezes, ancoradas principalmente em fatos de umas poucas línguas indo-européias.

O artigo enfoca os mecanismos que expressam indivuação e número nas línguas naturais. Estuda, portanto, os mecanismos de composição do significado e, em particular, os morfemas funcionais. O trabalho toma como objeto de investigação empírico os

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq e FAPESP a quem agradeço. Agradeço também a Luciana Storto – sem sua ajuda com a língua Karitiana este trabalho não seria possível.

² Ver von Stechow & Matthewson 2007 para uma revisão da literatura sobre o assunto.

fenômenos de individuação, número e distribuição na língua karitiana. Tem por objetivo específico explicitar como karitiana expressa número. Como objetivo geral, o trabalho pretende inserir os fatos do karitiana em uma discussão sobre os mecanismos de individuação presentes nas línguas humanas.

Este artigo discute a variação semântica na expressão de individuação e número nas línguas humanas sob a ótica da lingüística teórica, e, em particular, dentro do paradigma da semântica formal, um paradigma teórico que tem como vertentes formadoras a lógica e a gramática gerativa.

Partindo da hipótese que todas as línguas devem possuir mecanismos para expressar individuação de eventos ou de indivíduos, o artigo mostra que esses mecanismos variam significativamente de língua para língua. Podem estar embutidos no léxico ou na sintaxe através de morfemas funcionais, como classificadores, morfemas de singular-plural ou operadores distributivos, entre outros mecanismos que operam sobre denotações nominais ou sobre denotações verbais.

Em karitiana, os morfemas lexicais ‘nascem’ cumulativos, o que dá suporte à proposta de que a cumulatividade das raízes lexicais seria um universal semântico (cf. Kratzer 2005). Karitiana não expressa número em seu sistema nominal. As operações de individuação e de número em karitiana acontecem no sintagma verbal através de afixos verbais e de operadores distributivos.

A seção 1 apresenta uma visão geral sobre o papel dos morfemas funcionais nas línguas naturais. A seção 2 enfoca a expressão da individuação nas línguas naturais enquanto questão teórica. Na seção 3, discute-se a expressão de número em karitiana. Finalmente, a última seção conclui fazendo um balanço do que os fatos do karitiana dizem sobre a expressão de número nas línguas naturais.

1. Morfemas Funcionais

Esta seção discute o papel dos morfemas funcionais na composição de significados complexos nas línguas humanas. Seu objetivo é mostrar que a investigação do que seria constante e do que seria variável na semântica dos morfemas funcionais é essencial para a compreensão da amplitude e os limites da variação translingüística.³

A semântica formal assume que significados de constituintes complexos são criados composicionalmente a partir dos significados de suas partes tendo como ponto de partida os itens lexicais. Composicionalidade tem aqui um sentido estrito, qual seja, o de que a derivação composicional dos significados depende sistematicamente da estrutura sintática das expressões. Finalmente, o paradigma assume que, quando uma expressão é usada em um determinado contexto, mecanismos pragmáticos podem modificar e enriquecer os significados gerados pela gramática.⁴

Dentro desse quadro teórico universais semânticos, se existirem, deverão ser procurados (i) nos significados possíveis para os itens lexicais; (ii) nos mecanismos de composição do significado, seja no inventário dos morfemas funcionais, seja no inventário dos princípios de composição; e, finalmente (iii) nos mecanismos pragmáticos.

³ Grande parte das questões levantadas nesta seção baseiam-se em von Stechow & Matthewson 2008.

⁴ Ver Chierchia 2000, Portner 2005, entre outros, para uma introdução à semântica formal.

A lingüística tem assumido tradicionalmente a existência de dois tipos de morfemas. Os morfemas lexicais, que são de tipos semânticos mais simples e os morfemas gramaticais ou funcionais, de tipos semânticos mais complexos. Semanticamente, morfemas lexicais são expressões que denotam entidades (prototipicamente os substantivos) ou eventos (prototipicamente os verbos), ou expressões que modificam essas denotações (prototipicamente adjetivos e advérbios).⁵ Um substantivo, como por exemplo, *gato* (1a), denota um conjunto de entidades, nesse caso, gatos. Um verbo, como por exemplo, *miar* (2a), pode ser descrito como denotando um conjunto de eventos, no caso, eventos de miar. Já adjetivos modificam expressões nominais, como por exemplo, *gordo* em (1b), que modifica (restringe) o conjunto dos gatos para o conjunto dos gatos gordos. Advérbios, como *alto*, em (2b), modificam (restringem) o conjunto dos eventos de miar para o conjunto dos eventos de miar alto.

(01) a. gato
b. gato gordo

(02) a. miar
b. miar alto

Já os morfemas chamados funcionais ou gramaticais possuem tipos semânticos mais complexos. Esses morfemas expressam operações lógicas sobre morfemas lexicais ou estabelecem relações lógicas entre dois ou mais desses morfemas. Podemos dizer que eles realizam o que von Stechow e Matthews 2008 chamam de “cola semântica”. Assim, os morfemas funcionais nos dão a possibilidade de expressar significados mais complexos. Por exemplo, o quantificador *algum* em (3) nos permite afirmar a existência de pelo menos uma entidade que pertence ao mesmo tempo ao conjunto dos gatos e ao conjunto dos miadores. Ou seja, *algum* estabelece uma relação entre dois conjuntos. Já os morfemas de aspecto em (3) e (4) nos possibilitam situar o evento ‘gato miar’ dentro de um intervalo de tempo (perfectivo) ou como extravasando esse intervalo (imperfectivo).

(03) Algum gato miou.

(04) Algum gato miava.

Existem vários tipos de morfemas tradicionalmente classificados como funcionais: classe nominal; gênero; número; determinante; quantificador; caso; voz; aspecto; tempo; modalidade; negação; complementizador; grau, entre outros. Sabe-se, entretanto, que esses morfemas formam classes fechadas, cujo inventário de membros por classe é limitado. Isso significa que o número de marcadores aspectuais, de quantificadores ou de qualquer outro morfema funcional é pequeno e altamente especializado.

A importância das operações realizadas por morfemas funcionais pode ser percebida contrastando-se a mera justaposição de dois morfemas lexicais em (5), com sua composição através do uso de operações funcionais como aspecto (6a), quantificação, aspecto e tempo (6b e 6c). Em (6a), a morfologia de aspecto é responsável pela interpretação habitual. Em

⁵ Denotação é um termo técnico da semântica formal e se refere ao conjunto de entidades ou eventos abarcados por um constituinte.

(6b), a palavra *não* inverte a situação descrita em (6a). Em (6c), a interação entre o quantificador *algum* ('existe pelo menos um') e o aspecto perfectivo ('o evento de um gato miar está contido em um certo intervalo de tempo') marcado no verbo, faz com que a sentença seja interpretada como descrevendo um evento episódico. *Tem-que* na sentença (6d), por sua vez, afirma que os eventos de gatos miarem são eventos necessários.

(05) gato miar

- (06) a. Gato mia.
b. Gato não mia.
c. Algum gato miou.
d. Gato tem que miar.

Se assumirmos que uma das principais diferenças entre uma língua e outra está na maneira como elas compõem sintática e semanticamente seus constituintes, temos que a variação entre as línguas humanas deverá ser atribuída em grande parte aos tipos de morfemas funcionais que elas possuem (cf. Borer 1983, Chomsky 1991). Seria possível haver línguas sem categorias funcionais? Existem morfemas funcionais que são universalmente atestados? Essas são alguma das grandes questões que servem de pano de fundo para investigações de tipologia semântica dentro da lingüística teórica.

Existe uma visão na literatura lingüística de que morfemas funcionais são apenas gramaticais. Daí conclui-se, muitas vezes de modo implícito, que eles são vazios de significado e que não caberiam em um estudo semântico. No entanto, a semântica da maioria dos morfemas funcionais é extremamente rica. Pense em como mudam as situações descritas pelas sentenças em (7) ao variarmos o aspecto (7a), ou o tipo de determinação (7b) ou a escolha do operador modal (7c).

- (07) a. O gato estava miando/miou/miava.
b. Os gatos/uns gatos/todos os gatos miaram.
c. O gato quer/pode/deve/precisa miar.

Já sabemos que sistemas lingüísticos particulares podem não possuir certos morfemas funcionais. O karitiana, por exemplo, não possui morfemas nominais de singular e plural (cf. Müller et al. 2006). A palavra *gooj* ('canoa') em (8) é apropriada em contextos definidos e indefinidos, singulares e plurais. Sabemos também que significados funcionais podem ser realizados de modos distintos em línguas distintas. Por exemplo, karitiana não possui quantificadores nominais e a quantificação é realizada por advérbios sentenciais (cf. Müller et al. 2006). A sentença (9) ilustra a inexistência de quantificadores nominais em karitiana. Nesse exemplo, a pluralidade nominal é inferida a partir de uma pluralidade de eventos.

- (08) Contextos: Maria fez o/um barco.
Maria fez (os) barcos.

Maria	nakam'at		gooj ⁶
Maria	naka-m-'a-t		gooj
Maria	DECL-CAUS-fazer-NFUT		barco
	'Maria fez barco'		

(09) Contexto: Muitos homens vão partir amanhã

Kandat	nakahori	dibm	tasó
kandat	naka-hot-i	dibm	tasó
muito	DECL-ir-FUT	amanhã	homem
	'Homem vai partir muitas vezes amanhã'		

Por outro lado, é razoável supor que os significados dos morfemas funcionais pertencem a um inventário pequeno e possivelmente universal de significados naturais aos seres humanos. Um argumento a favor dessa hipótese é o de que os significados funcionais expressam operações lógicas pontuais e não domínios abertos. Por exemplo, a conjunção 'e' no português e em outras línguas expressa uma operação de adição entre denotações. Trata-se de uma operação lógica presente em grande parte das línguas, se não em todas. Não existem tantas variações lexicais de conjunções aditivas como existem substantivos que designam, por exemplo, diferentes tipos de vegetais, ou móveis, ou.... E, diferentemente dos morfemas lexicais, morfemas funcionais não estabelecem relações anafóricas entre si e não são passíveis de serem modificados, quantificados ou interrogados (cf. Chierchia 1984).

Um argumento adicional para a naturalidade dos significados funcionais é que, se existirem restrições fortes e universais sobre quais seriam os significados funcionais possíveis, aprendê-los se tornaria consideravelmente mais fácil (cf. Partee 1992).

Nesta seção, vimos que morfemas funcionais expressam operações altamente especializadas e tem um papel crucial na construção de significados complexos nas línguas humanas. Na próxima seção, vamos examinar com mais detalhe os morfemas funcionais que expressam individuação nas línguas humanas.

2. Individuação e Número

Esta seção enfoca a expressão da individuação nas línguas naturais. Introduz as noções de cumulatividade, massividade e contabilidade para itens lexicais e apresenta o Universal da Cumulatividade. Discute também a fonte de interpretações plurais nas línguas humanas. Seu objetivo é introduzir o pano de fundo sobre o qual será investigada a expressão de individuação na língua karitiana.

O 'mundo' pode ser apresentado pelas línguas humanas como individuado ou não. Somos capazes de falar de entidades e de eventos não individuados (massivos ou cumulativos) como o sintagma nominal (SN) *gato* em (10a) e o sintagma verbal (SV) *está*

⁶ Os dados são apresentados da seguinte forma: 1^{as} linhas: contexto, 2^a linha: transcrição ortográfica da sentença em Karitiana, 3^a linha: segmentação morfológica. 4^a linha: glosa morfema a morfema e 5^a linha: tradução. Símbolos usados: NFUT= não futuro, AUX = auxiliar, PART = particípio, DUPL = duplicação, DECL = declarativa, 3 = concordância de 3^a pessoa, 3P = 3^a pessoa, POS = posposição, PASS = passiva, OBL = oblíquo, VERB = verbalizador, FUT = futuro, CAUS = causativo, 3ANAF = terceira pessoa anafórica.

miando em (10b). Ambos os constituintes são completamente indeterminados quanto ao tipo de individuação e número. Em (10a) *gato* pode estar se referindo a pedaços, indivíduos ou porções de um ou mais gatos. Em (10b), *está miando* pode se referir tanto a um único evento contínuo de miar ou a eventos intermitentes.

- (10) a. Tem gato na salada.
b. O gato está miando.

Por outro lado, muitas de nossas operações lingüísticas exigem individuação do universo do discurso. Por exemplo, contar, distribuir e estabelecer quantidades (quantificar) exigem entidades e eventos tratados como descontínuos e individuados, como se pode ver pela estranheza em se tentar contar entidades ou eventos que não estão individuados (11a-c).

- (11) a. ?? Jorge comprou dois mercúrios.
b. ?? Jorge foi alto duas vezes.
c. ?? Cada paz tem seu preço.

As línguas humanas são capazes de se referir a entidades e a eventos individuados e muitas vezes os dividem em singulares e plurais. Em (12a-b) temos gatos e eventos de miar já atomizados – temos denotações individuadas, ou contáveis, sejam elas singulares ou plurais (duas ou mais entidades ou eventos).

- (12) a. O gato miou uma vez/várias vezes.
b. Os gatos miaram uma vez/várias vezes.

Os contrastes entre as sentenças em (13a-f) ilustram a diferença cumulativo-individuado nos domínios nominal e verbal. Expressões que possuem denotações individuadas que podem, por sua vez, ser singulares ou plurais. Assim, podemos ter um sujeito cumulativo que se combina com um predicado cumulativo (13a); um sujeito cumulativo que se combina com um predicado plural (13b); um sujeito singular que se combina com um predicado cumulativo (13c); um sujeito singular que se combina com um predicado singular (13d); um sujeito plural que se combina com um predicado singular (13e(i)); um sujeito plural que se combina com um predicado plural (13e(ii)); um sujeito plural que se combina com um predicado plural coletivo (13f(i)) ou com um predicado plural distributivo (13f(ii)) e assim por diante.

(13)	<i>Sentença</i>	<i>Tipo de denotação do SN sujeito</i>	<i>Tipo de denotação do SV</i>
a.	Gato come peixe.	<i>Entidade cumulativa</i>	<i>Evento cumulativo</i>
b.	Gato cai sete vezes e não se machuca.	<i>Entidade cumulativa</i>	<i>Evento plural</i>
c.	Meu gato come peixe.	<i>Entidade singular</i>	<i>Evento cumulativo</i>
d.	Meu gato comeu um peixe.	<i>Entidade singular</i>	<i>Evento singular</i>
e.	Meus gatos comeram um	<i>Entidade plural</i>	<i>(i) Evento coletivo singular</i>

	peixe		(ii) <i>Evento distributivo plural</i>
f.	Meus gatos comeram três peixes.	<i>Entidade plural</i>	(i) <i>Evento coletivo plural</i> (ii) <i>Evento distributivo plural</i>

Vemos que a semântica do singular e do plural implica existência de individuação. No contexto de uma investigação sobre a variação semântica entre as línguas humanas, colocam-se então as seguintes questões: (i) que operações são estas?; (ii) como estas operações são expressas em diferentes línguas?.

Neste artigo, vou tomar como ponto de partida a hipótese de que os morfemas lexicais nascem cumulativos – o Universal da Cumulatividade (cf. Kratzer 2005, 2007, Krifka 1992 e Landmann 1996). Um predicado é cumulativo se, sempre que ele se aplica a dois indivíduos em sua denotação, ele também se aplica a sua soma. Um exemplo clássico é o plural nominal. Se Maria e João são gatos e Carlos e Andrea são gatos, então Maria e João e Carlos e Andrea são gatos. Isto é, qualquer soma de gatos também pertence à denotação de *gatos*. O mesmo exemplo pode ser dado para denotações de predicados: se $e+e'$ é uma soma de eventos de *miar* e $e''+e'''$ é uma soma de eventos de *miar*, então $e+e'+e''+e'''$ pertence à denotação de *miar*. Uma consequência dessa hipótese é que operações de singularização e de pluralização seriam realizadas na sintaxe.

Denotações cumulativas podem ser massivas ou contáveis, i.e., podem ou não conter indivíduos atômicos em suas denotações. Uma vez contáveis, as denotações podem ser singulares ou plurais. Denotações singulares incluem apenas indivíduos atômicos, ao passo que denotações plurais incluem indivíduos plurais.

Outro ponto de partida desta pesquisa é a hipótese de que interpretações plurais podem ser geradas por razões distintas. Para o inglês, Kratzer 2005 sugere pelo menos duas fontes para as interpretações plurais: a denotação cumulativa dos itens lexicais; e a pluralização do sintagma verbal. A diferença entre os dois plurais pode ser percebida nos exemplos em (14-15). As sentenças (14a e 15a) são indeterminadas quanto ao número de peixes comidos e isso se deve a que itens lexicais ‘nascem’ cumulativos, i.e., *peixe*, nesse contexto sintático, é indeterminado quanto a ser singular ou plural. A sentença (14b), por outro lado, possui apenas uma interpretação coletiva, na qual um único peixe foi comido pelo time. Já (15b) é ambígua entre uma leitura coletiva na qual apenas um peixe foi comido, e uma leitura distributiva na qual cada jogador comeu um peixe diferente. O que seria responsável por desencadear a leitura plural (distributiva) do predicado em (15b)? Esta não pode ser atribuída ao item lexical, pois o artigo indefinido garante uma interpretação contável, no caso, singular, do sintagma verbal. Podemos inferir que houve uma pluralização do sintagma verbal. Segundo Kratzer 2005, essa operação seria realizada pelo morfema [plural] do determinante.

- (14) a. O time comeu peixe.
b. O time comeu um peixe.
- (15) a. Os jogadores comeram peixe.
b. Os jogadores comeram um peixe.

Esta seção se propôs a esclarecer as questões teóricas sobre os fenômenos que serão observados e discutidos nas próximas seções. Vimos que singular e plural implicam

existência de individuação e que interpretações plurais podem ser geradas por cumulatividade lexical e por pluralização do predicado verbal.

3. Individuação e Número em Karitiana

Nesta seção, exponho os resultados atingidos na investigação dos processos de individuação e expressão de número em karitiana, língua nativa brasileira, da família Arikén, do tronco Tupi e que possui cerca de 320 falantes. Sua reserva encontra-se em Rondônia (cf. Storto & van der Velden 2005). O objetivo é mostrar que os mecanismos de individuação em karitiana diferem dos mecanismos usados por línguas discutidas mais freqüentemente pela lingüística teórica como o inglês.

Os fatos relevantes a serem levados em conta na discussão são: (i) substantivos comuns e sintagmas nominais não são marcados para número em karitiana (cf. Müller et al. 2006); (ii) verbos são marcados para número em Karitiana - a língua possui morfemas pluracionais (Sanchez-Mendes 2006, Müller & Sanchez-Mendes 2008).

Karitiana não possui flexão de número, determinantes ou classificadores. A ausência de marcação de número no SN está ilustrada pela sentença (16) que é apropriada em contextos singulares e/ou plurais, conforme descritos.

- (16) Contextos: O/algum homem comeu a/alguma cobra.
Os/alguns homens comeram as/algumas cobras.
O/algum homem comeu as/algumas cobras.
Os/alguns homens comeram a/alguma cobra.

Taso	naka'yt	boroja
taso	∅-naka-'y-t	boroja
homem	3-DECL-eat-NFUT	cobra
'Homem comeu cobra'		

Já a marcação de número no verbo é feita através de morfemas de reduplicação, chamados pluracionais na literatura sobre o assunto. Esses morfemas indicam que uma multiplicidade de eventos ocorreu (cf. Lasersohn 1995). O contraste entre a sentença (17), que é usada no contexto de um único evento e na qual não ocorre reduplicação do verbo, e a sentença (18), que é usada no contexto de mais de um evento e na qual ocorre a reduplicação, ilustra o fenômeno da pluracionalidade na língua.

- (17) Contexto: Um menino quebrou dois ovos ao mesmo tempo.

Õwã	nakakot	sypomp	opokakosypi.
õwã	∅-naka-kot-∅	sypom-t	opok-ako-sypi
menino	3-DECL-quebrar-NFUT	dois-OBL	ovo
'Menino quebrou ovo em/de dois'			

- (18) Contexto: Um menino quebrou dois ovos um depois do outro.

Õwã	nakokonat	sypomp	opokakosypi.
-----	-----------	--------	--------------

õwã	Ø-na-kot-kot-a-t	sypom-t	opokakosypi
menino	3-DECL-quebrar-DUPL-VERB-NFUT	dois-OBL	ovo
'Menino quebrou (mais de uma vez) ovo em/de dois'			

Em Müller & Sanchez-Mendes 2008, os afixos pluracionais em karitiana são analisados como operadores de pluralização sobre a denotação cumulativa dos verbos – eles subtraem os eventos atômicos de sua denotação. Os fatos descritos a seguir fundamentam essa tese.

A sentença (19) mostra que o verbo não pluracionalizado é neutro para número, ou seja, sua denotação é o que estamos chamando de cumulativa. A sentença é adequada tanto em contextos em que ocorreu apenas um evento como em contextos em que ocorreram eventos múltiplos. Já o contraste entre as sentenças (20) e (21), ilustra o fato que um predicado singular não pode ser pluracionalizado. A sentença (20) refere-se a um evento singular de levantar Nádia uma vez e é gramatical com o verbo em sua forma neutra. Já a sentença (21), que difere de (20) apenas por ter seu verbo pluralizado, é agramatical. Sua agramaticalidade deve-se à incompatibilidade entre um verbo pluracional que denota dois ou mais eventos – *namangatmangadn* - e um predicado singular – *namangat mynhint Nadia* - que denota apenas um evento. Ou seja, não é possível usar um afixo pluracional porque, nesse caso, o evento deveria ser plural como em (22). Conclui-se então que karitiana é uma língua que marca a diferença singular/plural em seus verbos e não em seus substantivos.

- (19) Contexto: Inácio levantou Nádia uma vez hoje.
Inácio levantou Nádia várias vezes hoje.

Inacio	namangat	Nadia	ka'it
Inacio	Ø-na-mangat-Ø	Nadia	ka'it
Inacio	3-DECL-levantar-NFUT	Nadia	hoje
'Inacio levantou Nádia hoje' (evento singular ou plural)			

- (20) Inacio namangat myhint Nadia ka'it
Inacio Ø-na-mangat-Ø myhin-t Nadia ka'it
Inacio 3-DECL-levantar-NFUT um-OBL Nadia hoje
'Inacio levantou Nádia uma vez hoje' (um evento apenas)

- (21) *Inacio namangatmangadn myhint Nadia ka'it
Inacio Ø-na-mangat-mangat-Ø myhin-t Nadia ka'it
Inacio 3-DECL-levantar-DUPL-NFUT um-OBL Nadia hoje
'Inacio levantou-PL Nádia uma vez hoje'

- (22) Inacio namangatmangadn Nadia ka'it
Inacio Ø-na-mangat-mangat-Ø Nadia ka'it
Inacio 3-DECL-levantar-DUPL-NFUT Nadia hoje
'Inacio levantou Nádia hoje' (mais de um evento)

A questão seguinte a ser enfrentada neste artigo é a questão de se essa marcação de pluralidade no verbo seria suficiente para pluralizar também o predicado, ou seja, se a

pluracionalização produziria leituras distributivas do tipo ilustrado em (13e(ii)), (13f(ii)) e (15b) para o português brasileiro. As sentenças (14b) e (15b), repetidas abaixo como (23a-b), explicitam o que estamos chamando de pluralização de um predicado. Em (23a), temos um único evento de comer um peixe. Já em (23b), além da leitura de evento único – a leitura coletiva - temos uma leitura distributiva em que existe um evento de comer um peixe para cada um dos jogadores. Ou seja, o predicado *comer um peixe* foi pluralizado.

- (23) a. O time comeu um peixe.
 b. Os jogadores comeram um peixe.

Nas sentenças (24) e (25) do karitiana, temos um predicado originalmente singular – ‘*at myhint gooj*’ (‘construir um barco’). Nesse caso, nem a sentença (24), não pluracionalizada, nem a sentença (25), pluracionalizada, possuem leituras distributivas. Esse fato nos permite concluir que nem a pluracionalidade, nem a cumulatividade de um item lexical são suficientes para pluralizar um predicado em karitiana.

Evento singular/verbo não-pluracional:

(24)	Luciana Leticia	nakam’at	myhint	gooj
	Luciana Leticia	Ø-naka-m-’at	myhin-t	gooj
	Luciana Letícia	3-DECL-CAUS-construir-NFUT um-OBL		canoa
	‘A Luciana e a Leticia construíram uma canoa’			

- ✓ Interpretação coletiva
- × Interpretação distributiva

Evento singular/verbo pluracional:

(25)	*Luciana Leticia	nakam’abyadn	myhint	gooj
	Luciana Letícia	Ø-naka-m-’at-’at-	myhin-t	gooj
	Luciana Leticia	3-DECL-CAUS-construir-DUPL-NFUT um-OBL		canoa
	‘A Luciana e a Leticia construíram uma canoa’			

- × Interpretação coletiva
- × Interpretação distributiva

Vemos então que afixos pluracionais operam apenas sobre a denotação massiva dos verbos, não sendo capazes de pluralizar o sintagma verbal. Portanto, podemos concluir que um verbo plural é distinto de um predicado plural. O plural do Sintagma Verbal em karitiana deve ser feito por operadores distributivos como *tamyry tamyry* em (26). Em (26) temos um operador distributivo (*tamyry tamyry*), o verbo cumulativo (‘*at*’) e um predicado singular (‘*at myhint gooj*’).

(26) Contexto: Luciana e Letícia construíram uma canoa cada uma

Tamyry tamyry	Luciana	Letícia	nakam’at
ta-myry ta-myry	Luciana	Letícia	Ø-naka-m-’a-t
3ANAF-POS/3ANAF- POS	Luciana	Letícia	3-DECL-CAUS-construir-NFUT

myhint gooj.
myhin-t gooj
um-OBL canoa

‘A Luciana e a Letícia construíram canoa em um cada uma’

- × Interpretação coletiva
- ✓ Interpretação distributiva

Nossa incursão pelo karitiana mostrou que essa língua tem seus itens lexicais cumulativos e que a diferença singular-plural é marcada no verbo e não nos nomes. Já a pluralidade verbal é gerada por operadores distributivos.

Conclusões

Vimos que as línguas humanas variam em suas maneiras de expressar individuação e número. No português e no inglês, por exemplo, a diferença entre singular e plural é marcada no substantivo. Para (27) ser verdadeira, João pode ter comido uma ou mais cobras.⁷ Já para (28) ser verdadeira, João deve ter comido pelo menos duas cobras. Os verbos, por outro lado, não são marcados para número. Note-se que o verbo em (27-28) pode estar descrevendo um ou mais eventos de comer, ou seja, ele é neutro em relação ao número de eventos. O significado de cada uma das sentenças é indicado por uma paráfrase lógica abaixo da sentença.

(27) João comeu cobra.

Paráfrase lógica: ‘Existe pelo menos uma cobra e existe pelo menos um evento em que João comeu cobra.’

(28) João comeu cobras.

Paráfrase lógica: ‘Existem pelo menos duas cobras e existe pelo menos um evento em que João comeu cobra.’

Por outro lado, em karitiana não há como expressar a diferença correspondente aos significados de (27) e de (28) por meio de uma marcação de número no substantivo. Em (29) não é possível marcar *boroja* para singular ou plural. A sentença (29) é neutra quanto ao número de cobras. Se quisermos descrever uma situação que envolva provavelmente mais de uma cobra, teremos de pluralizar o verbo, como em (30). Novamente, o significado de cada sentença é parafraseado logicamente abaixo da tradução.

(29)	João	naka’y-t	boroja
	João	∅-naka-’y-t	boroja
	João	3-DECL-comer-NFUT	cobra

⁷ Ver Müller 2000 para uma análise da denotação dos substantivos no português brasileiro.

‘João comeu cobra’

Paráfrase lógica: ‘Existe pelo menos uma cobra e existe pelo menos um evento de João comer cobra.’

- (30) João naka’y-t’ydn boroja
João Ø-naka-’y-t-’y-t boroja
João 3-DECL-comer-DUPL-NFUT cobra
‘João comeu cobra (mais de uma vez)’

Paráfrase lógica: ‘Existiram pelo menos dois eventos de João comer cobra.’

É importante notar que os significados das sentenças em português e os significados das sentenças em karitiana não são totalmente equivalentes, como se pode perceber por suas paráfrases lógicas. As sentenças do português se diferenciam entre si pelo número de cobras envolvidas no evento. Já as sentenças do karitiana diferenciam-se uma da outra pelo número de eventos envolvidos. A sentença (28) do português, por exemplo, só é verdadeira se João comeu mais de uma cobra. Já a sentença (30) do karitiana, é verdadeira apenas se existirem dois ou mais eventos de comer cobra. Nesse caso, poderíamos ter a mesma cobra sendo comida em diferentes ocasiões. Essa interpretação não é possível para a sentença do português.

Neste artigo, vimos também que para pluralizar um predicado karitiana necessariamente faz uso de operadores distributivos, como *tamyry tamyry* em (31). Já em português, a mera existência de um sujeito plural é suficiente para gerar um significado distributivo, como em (32). Ao contrário da sentença em karitiana, que possui apenas uma leitura distributiva; a sentença em português possui também uma leitura coletiva.

- (31) Tamyry tamyry Luciana Letícia nakam’at
ta-myry ta-myry Luciana Letícia Ø-naka-m-’a-t
3ANAF-POS/3ANAF- POS Luciana Letícia 3-DECL-CAUS-construir-NFUT
- myhint gooj.
myhin-t gooj
um-OBL canoa

- (32) A Luciana e a Letícia construíram uma canoa.

Nossa incursão pela expressão de número em karitiana, mostra que operações de individuação podem diferir de língua para língua. Trata-se, no entanto, de operações realizadas por morfemas funcionais sobre morfemas lexicais. Essas operações demandam que as denotações dos itens lexicais sobre o qual operam estejam individuadas. Assim podemos manter a hipótese de que todas as línguas devem possuir operações de individuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORER, H. *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris, 1983.
_____. *Structuring Sense*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Ed. da UNICAMP: Londrina: EDUEL, 2003.
- CHOMSKY, N. Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: FREIDIN, R. (ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 417-454.
- von FINTEL, K. & L. MATTHEWSON. Universals in Semantics. *The Linguistic Review*, vol. 25, Issue 1-2, p. 139-201, 2008.
- KRATZER, A. *The Event Argument and the Semantics of Verbs*. Disponível em: <http://semanticsarchive.net>. Acesso em: 15 jul. 2008.
- _____. On the Plurality of Verbs. In: DÖLLING, J. & HEYDE-ZYBATOW, T. (eds.), *Event Structures in Linguistic Form and Interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter 2007. p. 269-299.
- KRIFKA, M. Thematic Relations as Links Between Nominal Reference and Temporal Constitution. In: SAG, I. & SAZBOLSCI, A. (eds.), *Lexical Matter*. Chicago: CSLI, 1992. p. 29-53.
- LANDMAN, F. Plurality. In: LAPPIN, S. *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*. Oxford: Blackwell, 1996. p. 425-457.
- LASERSON, P. *Plurality, Conjunction, and Events*. Dordrecht, Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995.
- MÜLLER, A. The Expression of Genericity in Brazilian Portuguese. In: KUSUMOTO, K. & VILLALTA, E. (eds.), *UMOP 23: Issues in Semantics*, Amherst, Massachusetts: GSLA, 2000. p.137-154.
- MÜLLER, A., STORTO, L. & COUTINHO-SILVA, L. Number and the count-mass distinction in Karitiana. *UBCWPL 19: Proceedings of the Eleventh Workshop on Structure and Constituency in Languages of the Americas*, 2006. p. 122-135.
- MÜLLER, A. & SANCHEZ-MENDES, L. Pluractionality in Karitiana. In: Gronn, A. (ed.) *Proceedings of SuB 12*. Oslo: Departmento of Literature, Area Studies and European Languages, University of Oslo, 2008. p. 442-454.
- PARTEE, B.H. Syntactic Categories and Semantic Type. In: ROSNER, M. & JOHNSON, R. (eds.). *Computational Linguistics and Formal Semantics*, Cambridge University Press, 1992. p. 97-126.
- PORTNER, P. *What is meaning? Fundamentals of Formal Semantics*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell, 2005.
- SANCHEZ-MENDES, L. A Expressão da Quantificação em Karitiana. *Caderno de Pesquisa na Graduação em Letras – Revista da Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras, III*, 2006. v. 3, p. 103-110.
- STORTO, L. & VAN DER VELDEN, F. Karitiana. *Povos Indígenas do Brasil*. <http://www.socioambiental.org/pib/epi/karitiana/karitiana.shtm>. Acesso em: 5 maio 2008.